

manifesto imaginarius

imaginar é continuar

O Imaginarius não procura conforto.
Não procura consenso.
Não é elitista, nem populista.
É resistência.

Construiu-se no espaço público como lugar de relação.
Ao longo do tempo, aproximou a criação artística da vida quotidiana, retirando-a dos lugares autorizados da cultura e colocando-a em contacto direto com as pessoas, com o território e com o que nele acontece.

Fez da rua um lugar de encontros, onde diferentes realidades se cruzam e o quotidiano se interrompe, ainda que por instantes, abrindo espaço ao inesperado.
É a partir desse percurso que se afirma hoje, não apenas pelo que foi, mas pelo que quer vir a ser.

Intervém na forma como o território é vivido, usado e disputado, assumindo que este não é neutro e que resulta de decisões, práticas e tensões que o moldam continuamente.

O território não é cenário, é um espaço vivido, atravessado por relações, tensões e decisões que moldam a forma como o habitamos. Está no que se usa, no que se evita, no que permanece e no que desaparece. Revela-se nos percursos, nos encontros e também nas ausências, nos lugares esquecidos ou por ocupar.

É nesse plano que a convivência deixa de ser ideia e passa a ser prática, feita de encontros, tensões e negociações que não desaparecem, mas se acumulam, deixando marcas na forma como vivemos em comum.

O espaço público é cada vez mais pressionado, regulado e vigiado, onde a margem de ação se reduz e onde a criação artística ganha relevância precisamente por abrir brechas, introduzir desvios e tornar visível o que tende a ser normalizado.

O Imaginarius é pensado a partir dessa realidade, não para a simplificar, mas para a expor, questionar e transformar. A criação artística emerge como uma prática de relação direta com o território e com quem o habita, cruzando criação, pensamento, mediação e circulação.

Ao longo do tempo, formou-se uma geração que cresceu com o Imaginarius e que passou a reconhecer a criação artística como parte do seu quotidiano. Hoje, essa presença traduz-se em práticas, escolhas e modos de participação que influenciam a forma como o território é vivido e transformado.

Essa relação não se esgota no momento do festival. Mantém-se no tempo, nos gestos, nas escolhas e na forma como cada um se posiciona perante o que acontece à sua volta.

Num tempo acelerado e fragmentado, o Imaginarius insiste no tempo longo e na continuidade, recusando a lógica da resposta imediata. Num contexto de vigilância e controlo, abre espaço à arte como forma de questionar e reconfigurar a forma como vivemos.

O que está em causa não é apenas programação artística, mas a forma como pensamos, usamos e questionamos o território e as decisões que o moldam.

O Imaginarius afirma-se como um espaço onde se experimenta, se arrisca e se recomeça, tanto para quem inicia como para quem já percorreu caminho. O risco não é exceção. Faz parte.

Parte de práticas artísticas que já existem no território, formais e informais, reconhecendo-as como parte ativa da identidade cultural.

Não procura respostas fechadas. Cria condições para que as questões se tornem visíveis, discutidas e partilhadas.

Escolhemos continuar a imaginar. Não como fuga, mas como forma de agir sobre a realidade.

Porque imaginar é um ato político.

E ativar o território através da criação artística é uma forma de o transformar.

Continuar a imaginar é a nossa condição.